

Código:

14

Para dissertar sobre as relações sociais de classe, raça, etnia e gênero e como essas relações se tornam requisições e desafios para o serviço social, é importante compreender inicialmente o movimento de produção e reprodução do capital, a partir das categorias historicidade, totalidade e mediação, iminido por Marx. Isso significa apreender a forma como as mercadorias se movimentam e criam valor no modo de produção capitalista.

Na lei geral de acumulação ( $M-D-P-M'-D'$ ) são injetadas formas de ampliação e alongamento de produção de mais-valia, tanto a partir do uso de tecnologias (capital constante) como através da exploração da força de trabalho.

Ocorre que esse movimento de estruturação econômica no modo de produção capitalista ocorreu de forma desigual entre os países centrais e os periféricos, como o Brasil, por exemplo.

No final do século XIX enquanto na Grã-Bretanha ocorria a 2ª Revolução Industrial, no Brasil se tentava a abolição da escravidão.

O movimento tecnológico dos ~~países~~ países centrais, portanto, geraram uma maior quantificação da acumulação, gerando fortes desigualdades no processo de produção e reprodução da mercadoria, que geram rebatimentos incômodos na atualidade latino-americana.

Ou seja, em termos de produção do movimento de mercadorias, ocorre o que alguns autores como Fernandes e Sabino (2013) um movimento de dependência dos países latino-americanos frente aos países centrais.

Folia n.º 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Código:

**EM BRANCO**

0

Código:

14

Essa dependência intensifica as contradições nos países, aumenta o endividamento público, a medida que a ação estatal reforça a quantidade de empréstimos, quando um ciclo de endividamento e forte comprometimento do pagamento de dívidas, a partir do PIB interno.

Com a injeção e ampliação das tecnologias para ~~(consequências das crises)~~ alongamento do lucro e da mais-valia, cria-se além da produção de excedentes, uma dinâmica de exploração da força de trabalho, considerando aqui o trabalho como eixo central para compreensão do método materialista histórico-dialético.

Marini, por exemplo, defende que os países <sup>dependentes</sup> ~~(desenvolvidos)~~ além de serem explorados, são super-explorados, o que significa que as condições de assalariamento, nessas precárias condições para a competitividade, não permitem que o ~~(trabalhador)~~ trabalhador receba o mínimo para sua reprodução, vivendo em condições subhumanas e muitas em condições desastrosas de socialidade.

Ainda na compreensão da ~~(a)~~ forma de produção capitalista, têm-se a estratificação de classes sociais, nesse sistema, a burguesia e o proletariado.

A burguesia (detentora dos meios de produção) e o proletariado (vendedor da força de trabalho) criam mecanismos de socialidade desproporcionais em condições de sobrevivência, a medida que a burguesia ~~(produz)~~ concentra a riqueza socialmente produzida e não distribui, mesmo a produção desta, sendo executada pela classe trabalhadora.

Essa apropriação da riqueza e expropriação das matérias-primas, e insumos por parte dos países

**EM BRANCO**

Código:

14

centrais, quem condições de atuação (~~estas~~) do Estado também desiguais, pois é que estrutura as relações sociais (~~econômicas~~) (~~econômicas~~) no capitalismo são as formas econômicas de troca dentro do processo produtivo de ~~uma~~ divisão de classes.

As ~~ocorre~~ um acirramento das condições de trabalho, a partir da população excedente e também da própria força de trabalho assalariada, em condições precárias (~~econômicas~~) inicia-se uma série de condições no bojo dessa socialidade.

Isso acontece porque além das (~~mercadorias~~) mercadorias em seu processo de produção e consequente exploração da força de trabalho pela burguesia, é necessário ocorrer também a sua reprodução.

Essa reprodução está construída a partir de um padrão de socialidade que posiciona o burguês hétero branco como figura de domínio e poder e reverbera em suas relações, oposições de classe, raça, etnia e gênero.

Nos padrões de cisheteronormatividade <sup>proximo</sup> as mulheres não depositas funções de cuidado doméstico, familiar e materno, condicionado a um modelo patriarcal de sobrevivência dentro da ordem de produção de valor, do que seria o trabalho improdutivo versus o trabalho produtivo.

Aos negres ~~afrodescendentes~~ que chegaram ao Brasil contra a sua vontade, através do uso de violência e muito sangue derramado nos mares dos navios negres, sua territorialização no país, se deu, como uma ~~luta~~ lutas, pela sua não integração na sociedade de classes, nas periferias e (~~foras~~) foras. Entretanto, Mana, ratifica que a história contada pelos negres,

**EM BRANCO**

Código: 14

como sujeitos de sua condição humano-social, ocorreu através de muita resistência iniciada pelo povo africano, tanto na sedimentação (~~de sua~~) dos aspectos culturais, religiosos e artísticos, como na própria resistência em ~~em~~ momentos combativos.

Ainda nesse processo de chegada do povo africano, quem aqui ocupava o território e foi dizimado, por possuir uma outra forma de existir, voltada para um processo de acumulação primitiva, que como já mencionado, ~~se~~ sustentou-se por mais tempo no país, antes de extrair mais valor, como já acontecia nos países centrais.

Todo esse processo de produção e reprodução da força de trabalho em suas ~~de~~ dinâmicas de expressão ~~em~~ classe, não acontecem de forma pacífica e amena, mas sim a partir do uso da força/violência, combinado com ~~com~~ as revoltas dessas condições, na então denominada luta de classes.

No intuito de mediar essas relações, se conjugou a conformação do Estado no capitalismo. Esse debate do lugar do Estado ou de até onde o Estado pode chegar, ~~seu~~ seus limites, engendra um debate de uma extensa literatura acadêmica e política.

Mas para explicitar a pergunta, entende-se que o Estado está na superestrutura da sociedade, mediado pelas relações econômicas em sua estrutura.

Isso se traduz no fato de que, apesar da existência de um conflito interno (~~dentro do Estado~~) dentro da dinâmica do Estado, a burguesia em sua centralização econômica e de poder, utiliza o aparato estatal para controle da força de trabalho.

**EM BRANCO**



Código:

14

Majoritariamente em atuação dentro do Estado, o assistente social, também inserido na divisão sócio-técnica do trabalho, a partir de sua autonomia relativa, (IYAMOTO) <sup>m</sup> todas essas expressões da questão social, enfrenta enormes desafios.

Intensificado pelo contexto neoliberal, no que Sennet <sup>m</sup> dizeta, sobre a ampliação da fetichização nas relações humano-sociais, a autora levanta os crescentes desafios para a ação profissional, sendo eles o desemprego, a penalização da classe trabalhadora, a falta de acesso às políticas públicas, dentre outros.

Isso pode-se explicar pela lógica estatal de ser mínimo (~~para~~) para o povo e máxima para o capital.

A disputa do fundo público, que após retirar grande parte do "bolo" para pagamento da dívida, repercute em uma série de contra-reformas que limitam as possibilidades de manejo dentro da ação profissional.

Por conta disso, ~~po~~ crescentemente são colocadas demandas que desafiam o exercício profissional para não cair na imediatividade, a medida que são direcionados a uma dinâmica contínuessa de seletividade dos benefícios sociais e de próprio conteúdo da massa de trabalhadores.

Sentir na pele as contradições de ser e existir no capitalismo com toda a sua lógica perversa/individualista e concentradora/acumuladora da riqueza socialmente produzida, exige da classe trabalhadora uma ação conscientemente transformadora, o que Marx denominou em seu método como práxis humana.

EM BRANCO

Código: 14

Bucácks ao estudar as possibilidades de rompimento de toda essa lógica reprodutiva do capital, assinala essa importância de uma ação social, um fazer consciente da classe trabalhadora nesse processo de produção.

É através da substancialidade que incide entre o universal e o particular que é possível executar uma ação de troca coerente com a natureza na construção de uma outra forma de organização político-econômica.

O su. social, portanto, inquanto sujeito consciente de sua posição no sistema é o único capaz de impetiar, questionar e romper com a lógica de exploração e opressão capitalistas, através da luta e resistência organizada.

Em sua instrumentalidade, o serviço social se posiciona em toda sua construção histórico-profissional ~~contra~~ contra todas formas de exploração e opressão e possui como o valor ético central a liberdade.

Através das dimensões ético-política, técnico-operativa e teórico-metodológica, a profissão vem avançando, embora o caminho seja longo, nos debates étnico-raciais, de classe e gênero.

As violências vividas e sentidas na pele pela classe trabalhadora, que vão desde a ~~obrigação~~ obrigação de venda da força de trabalho ao próprio extermínio da juventude negra e seu encarceramento, eliminação das terras e territórios indígenas e marginalização da mulher, não coadunam com o projeto profissional defendido pelo serviço social.

As sedimentações das desigualdades perpetuadas

**EM BRANCO**

Código: 14

pelo processo e condição de ser e existir do capital, fazem ~~se~~ emergir crescentemente e de maneira urgente, uma leitura crítica dessa forma de organização do capitalismo que desumaniza e centraliza no econômico a potência da competitividade e da disputa, (~~centraliza~~) centralizada no individualismo.

Outras leituras da realidade, como o positivismo, por exemplo, descredibiliza as manifestações das opressões de gênero, raça e classe.

Por isso, o método materialista crítico-dialético traz as contribuições de compreensão do mundo ~~através~~ a partir de mediações que estabelecem nas contradições pressupostos que saem do imediato e permitem alcançar o cerne das relações produzidas e reproduzidas no sistema.

Com a ascensão onda conservadora, por exemplo, um discarizado pode cair no conto de que não existe racismo, a mulher é livre, e os indígenas são ~~preguiçosos~~ preguiçosos. O senso comum aparece como uma linguagem que circulam ~~ideias~~ ideários fascistas de eliminação e ~~estranha~~ mento do outro.

É nesse sentido que realizar o movimento dialético entre o concreto e o abstrato permite alcançar uma leitura aproximada da realidade, mas mais do que isso, permite perceber o ser social em sua consciência de uma práxis transformadora, para além do ~~imediato~~ imediato e de todo o processo que engendra a alienação e o fetichismo ~~do~~ inerente ao processo de produção de mercadorias.

Tem uma fase de Cardina, Maria de Jesus

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Código

**EM BRANCO**

Código: 14

que diz "o negro só é livre quando morre", que  
tira uma necessária crítica do desafio postulado  
ao serviço social de defender seu valor ético  
central.

Louçãks diz acerca da importância ~~do~~ ~~para~~  
~~do~~ do reino da liberdade, na construção  
coletiva das ferramentas de ser e existir  
como ser consciente ~~no~~ nas trocas com o mundo  
e com a natureza. O capitalismo que engendra  
em sua forma econômica de existir (o) toda  
essa dinâmica de exploração e opressão na  
sua (u) produção social de mercadorias, não  
se coloca como caminho viável, nem pelos  
princípios defendidos pela categoria de assistentes  
sociais, nem pela classe trabalhadora em  
geral.

O parâmetro de socialidade que garante a  
liberdade em vida e com isso contrarie a frase  
de Carlota Marie de Jesus, só será possível de  
ser construída em outra ordem societária, através  
de muita organização coletiva. Só a luta  
muda a vida!

É é na predisposição das desigualdades e dos  
desiguais que seitam os espaços de disputa  
e idosiam as estratégias de ação do serviço  
social com a população usuária, cada vez mais  
subtraída de direitos e garantias sociais pela  
minimização e seletividade das políticas estatais  
e enquanto ser, como a classe trabalhadora.  
dialiticamente, a partir da leitura da realidade,  
respaldada no método histórico dialético, critica e se  
posiciona contra todas as formas de opressão e exploração.

Código: [ ]

**EM BRANCO**